

## APRESENTAÇÃO

Quando abrimos a chamada para o dossiê “Literaturas de expressão feminina”, sabíamos da urgência em tratar do protagonismo da mulher na literatura, bem como dos ecos destas expressões no público leitor da contemporaneidade. Ainda assim, foi uma grata surpresa receber um número tão grande de artigos, recorde de submissões para esta revista acadêmica de excelência, originando a publicação de dois dossiês. No entanto, embora esta publicação tenha surgido de uma mesma chamada, temos aqui um dossiê muito diverso do anterior, com artigos que versam sobre escritoras de lugares e períodos distintos, conferindo o tom multifacetado que converge em uma grande questão: a voz da mulher não apenas na literatura, mas para além das artes, do tempo e do espaço.

Iniciamos o dossiê com o artigo brilhante de Vara Neverow, pesquisadora renomada, especialista em Virginia Woolf. A autora propõe uma investigação instigante acerca das relações entre dinheiro e prostituição tanto nos ensaios quanto nos romances de Woolf. Partindo de *A Room of One's Own* (1929), a relação é clara, Vara Neverow observa como Woolf preocupa-se com a independência financeira feminina e afirma que para se tornar escritora, uma mulher precisaria de um teto todo seu e de um salário apropriado. Woolf está atenta às mulheres que escreviam profissionalmente e conseguiam ganhar dinheiro a partir de suas penas. Do mesmo modo que ela estava atenta àquelas mulheres que tinham que se vender intelectualmente, escrevendo sobre assuntos que interessavam somente às editoras. Passando por *Professions for Women* (1931) em que a relação com o aspecto financeiro das mulheres fica óbvia no título, Neverow nota como Woolf volta-se às profissões disponíveis para as mulheres nesse momento, mas também adverte sobre a imposição do “anjo-do-lar”. Vara Neverow vai construindo seu argumento trazendo *Three Guineas* (1938) para a discussão, já que nesse ensaio Woolf discute a questão das profissões e educação para mulheres, o próprio título está diretamente relacionado ao dinheiro e a como a escritora inglesa retoricamente elabora seu discurso e direciona um guinéu a cada causa levantada por ela: como evitar a guerra, a educação e as profissões para mulheres e, por último, às associações que combatem o fascismo. Em seguida, Vara Neverow, passa a analisar os romances e como Woolf se refere à prostituição feminina, seja ela intelectual ou não em *Orlando*, em *Mrs. Dalloway* e em *The Years*. Além da potente contribuição de Neverow por meio deste ensaio, destaca-se também a entrevista preciosa que ela nos concedeu mais ao final do dossiê.

O primeiro artigo em língua portuguesa trata da singularidade de uma livraria brasileira do início do século XX que ousa publicar textos das escritoras Júlia Lopes

de Almeida e Chrysanthème, muito embora fossem mulheres – o que, como se sabe, era incomum na época –, cujas obras eram ainda praticamente desconhecidas. As publicações, portanto, possibilitaram uma quebra de barreiras, tanto de ordem social quanto espaço-temporal. Quiçá essas publicações tenham vindo a influenciar outras importantes escritoras brasileiras que lhes foram contemporâneas, como Françoise Ega e Carolina Maria de Jesus, mulheres negras que, por muito tempo, não tiveram espaço no cenário literário brasileiro e cujas cartas e diários são abordados no terceiro artigo do presente dossiê, o qual ressalta a importância desses relatos em diálogo com grandes escritoras e teóricas como Gloria Evangelina Anzaldúa, Alicia Walker, Virginia Woolf, entre outras.

Ainda no âmbito dos gêneros fronteirizos, o artigo a seguir proporciona-nos uma imersão interessantíssima no diário de outra escritora brasileira do século XX: Maura Lopes Cançado e sua obra intitulada *Hospício é Deus*, escrita enquanto esteve voluntariamente internada. Essa poética do “entre” que se estabelece aqui, no limiar entre loucura e realidade, será adiante revisitada no artigo seguinte, desta vez trazendo o processo da tradução como expoente do entrelugar, à luz da análise do poema *Unicorn*, da escritora britânica Angela Carter, bem como de sua tradução, com o intuito de demonstrar “a relação intrínseca que a autora mantinha entre tradução e criação literária em sua obra”.

Uma vez que estamos na esfera da poesia, passaremos a seguir ao próximo artigo, o qual propõe uma ressignificação da obra da escritora estadunidense Elise Cowen a partir da articulação teórica de Foucault, sob a ótica da crítica literária feminista, de modo a demonstrar como a poética da escritora vai muito além do rótulo de poesia confessional conferido pela crítica à produção literária do final da década de 1950 nos Estados Unidos.

Os próximos textos apresentados neste dossiê seguem essa diversidade e singularidade observada anteriormente; eles passeiam pelo conto, romance e pela poesia, não apenas da literatura brasileira, como também pelo romance italiano de Elena Ferrante e Elsa Morante, assim como as poetisas argentinas e escritoras latino-americanas, rompendo as fronteiras de tempo e espaço, como sugere o título do dossiê. Assim, Angela das Neves dedica-se aos contos de Lygia Fagundes Telles, com o intuito de demonstrar a relevância e a atualidade da obra da escritora, prestando uma grande homenagem à grande dama da literatura e demonstrando ainda a relação da autora com outros mestres contistas. Neves discorre sobre a grande legião de mulheres que habitam as narrativas de Lygia F. Telles. Ademais, ela utiliza uma chave importante para compreender os contos da escritora: “a estrutura da bolha de sabão”, proposta por Júlio Cortázar em “Do conto breve e seus arredores”.

Já o texto “O pensamento e a escrita sobre literatura de Elena Ferrante e Elsa Morante” propõe uma análise comparativa entre os romances e ensaios de Elena Ferrante e Elsa Morante, a partir de uma discussão metaliterária e autorreflexiva que

está presente nos romances de ambas. Ainda sobre o romance de autoria feminina, o próximo texto debruça-se sobre a *Pequena coreografia do adeus*, de Aline Bei, recorrendo a uma interpretação psicanalítica por meio dos arquétipos trabalhados por C. G. Jung e em consonância com o livro *Mulheres que correm com os lobos*, de Clarissa Pinkola Estés. A autora analisa o romance de Aline Bei contemplando a autoria feminina em harmonia com a crítica feminista, já que se trata de um *Bildungsroman* em que o leitor acompanha as crises e conflitos da mente feminina.

O texto seguinte, “Caminhos em curso da poesia brasileira escrita por mulheres: as plaquetes da *Nosotros*”, analisa a *Nosotros*, *editorial*, tem como objetivo assegurar a memória de poetisas brasileiras e argentinas, pensando no processo de apagamento e exclusão das mulheres de antologias poéticas, não apenas, mas também de mulheres negras, trans, pessoas periféricas e outras minorias. Em busca de uma ancestralidade feminina, o termo utilizado é *ginealogia*, de María Reimondez (2014), como forma de revisar o passado e propor uma nova epistemologia centrada na mulher. Além disso, a autora propõe uma cartografia da poética feminina, refletindo sobre os deslocamentos e espacialidades ocupadas por mulheres. Para tanto, a autora utiliza metáforas como caminho, percurso, estrada e trajetórias para pensar o lugar da mulher na poesia e na sociedade e para questionar o sentido de pertencimento e como proposta de transgressão das estruturas de poder.

Em seguida, a autora de “Voces de mujeres tercermundistas: feminismo y literatura comprometida” parte dos conceitos de Simone de Beauvoir para abordar a condição feminina, principalmente, das “mulheres de cor” como “vítimas da colonialidade de gênero”, termo de Maria Lugones. Para discutir a antologia *Esta puente, mi espalda: voces de mujeres tercermundistas en los Estados Unidos*, a autora traz ainda para essa discussão o texto de Gayatri Spivak e de Frantz Fanon para falar sobre os conflitos e a crise existencial da mulher negra, que enfrenta não apenas o machismo, mas também o racismo estrutural arraigado nas entranhas da nossa sociedade capitalista, patriarcal e racista. A autora termina seu texto brilhantemente, com um trecho do ensaio de Audre Lorde, “A poesia não é um luxo”, para demonstrar como a poesia rompe o silêncio e se transforma em ação.

Em “‘O pessoal é político’: os movimentos feministas e o descentramento do sujeito pós-moderno”, vemos, de forma detalhada, as implicações do feminismo e suas alterações no conceito de sujeito pós-moderno. O antepenúltimo artigo, intitulado “Ser ou tornar-se mulher: a posição feminina em sociedade”, as autoras percorrem magistralmente sobre os estereótipos femininos marcados pela opressão nas obras de Clarice Lispector e Nélida Piñon. O penúltimo artigo, “Os discursos feministas das mulheres muçulmanas nos haréns de Fatima Mernissi”, apresenta e analisa os enunciados sobre mulheres muçulmanas em seu convívio familiar na obra autobiográfica de Mernissi, demonstrando a condição dessas mulheres e ressaltando a desigualdade de gênero.

Por fim, o artigo “A crítica feminista na pós-graduação brasileira e os ensaios de Virginia Woolf”, de Nícea Helena de Almeida Nogueira, revela como os ensaios de Virginia Woolf são relevantes para a literatura de autoria feminina no Brasil. A autora investiga como o pensamento de Woolf em *A Room of One's Own* (1929) pode instigar pesquisadores brasileiros no estudo da obra de escritoras brasileiras contemporâneas e conclui que a crítica feminista de Virginia Woolf é fundamental para os estudos feministas no Brasil, já que seus ensaios políticos são considerados textos fundadores da crítica feminista.

Na seção *Varia*, o artigo intitulado “Figurativização do tempo em ‘Idades cidades divindades’ (2016), de Mia Couto”, demonstra a figurativização do tempo na obra poética do autor moçambicano, ressaltando que o mesmo está presente para ilustrar temas como o amor, o sexo, dentre outros. O artigo “Imaginário Gouveia: a construção do obscuro no conto ‘O menino do Gouveia’ (1914)” finaliza esta seção; os autores discorrem sobre a intermedialidade por meio do homoerotismo presente no texto publicado na revista “O Rio-nú” e as consequências de sua temática em relação à circulação e à comercialização nos periódicos no final do século XIX e início do século XX.

Ao final deste dossiê, temos ainda duas resenhas. A primeira apresenta-nos o olhar perspicaz e assertivo de Marcela Brigida acerca da recente cinebiografia *Emily* (2022), dirigida por Frances O’Connor, a qual versa sobre a vida da escritora inglesa Emily Brontë. Já a segunda resenha, de Maria Lúcia Outeiro Fernandes, discorre sobre o livro *Oswald de Andrade: arte do centenário e outros escritos* (2022).

*Andressa Cristina de Oliveira  
Maria Aparecida de Oliveira  
Natália Corrêa Porto Fadel Barcellos*